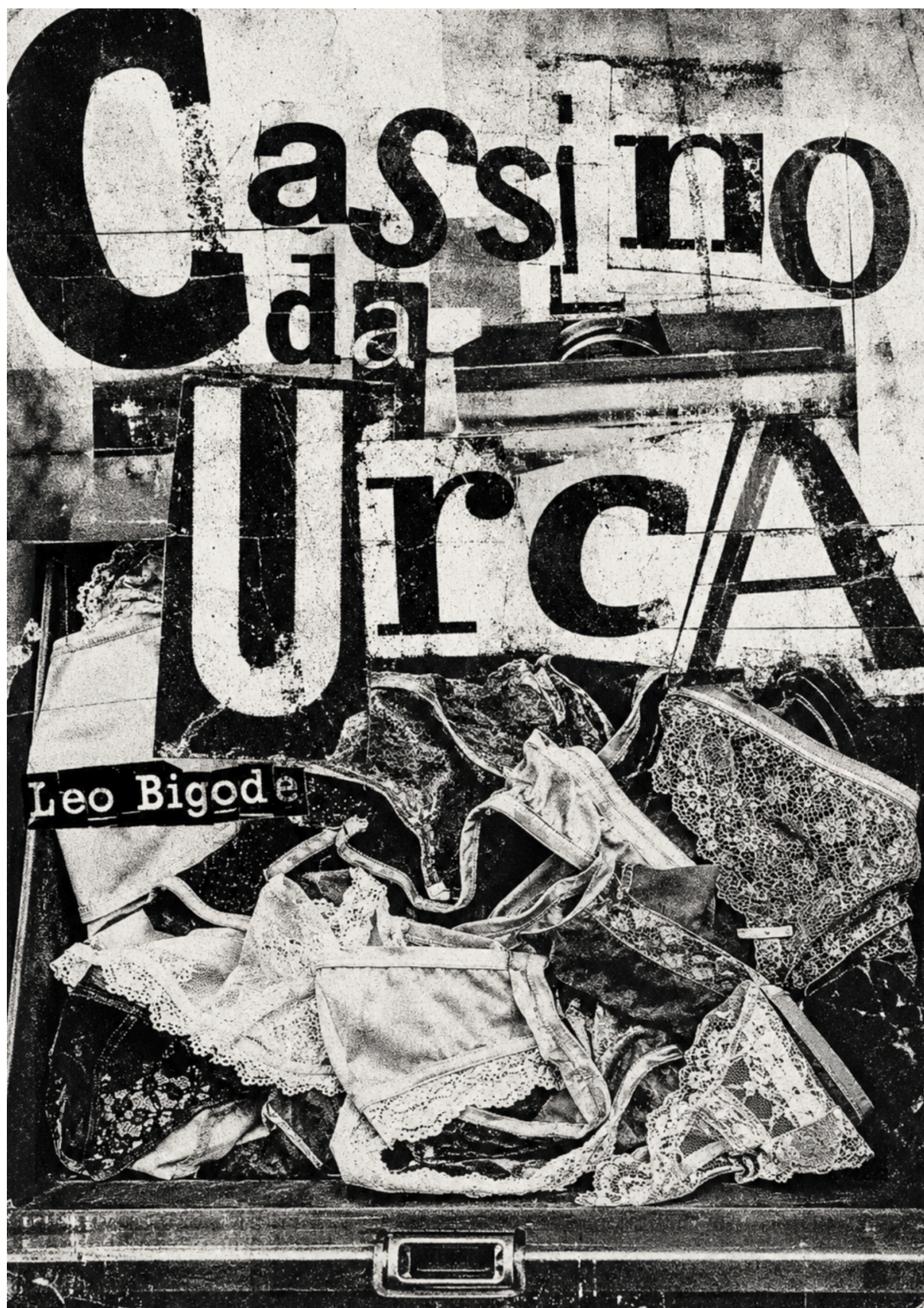




CASSINO DA URCA

Por Léo Bigode

uma flash fiction no universo CSG



Zarpou do motel, pegou a estrada. Conrado conduzia com um sorriso cafajeste a luxuosa Mercedes. Tirou do bolso do paletó a calcinha da amante com renda francesa — perfumada. Guardou no porta-luvas junto da coleção íntima.

No horizonte, os tons de preto do entardecer de uma cidade sem sol. Passeou pelas esquinas da Guanabara sob chuva fina. A rua era seu ofício. Fez cobranças, recolheu sangrias e assinou cheques perigosos.

Com dois capangas, bonitões como ele, entrou numa joalheria do Catete. Entregou uma papelada para o dono, coisas de terreno. Saiu de lá com um Rolex diamantado novo, belíssimo.

Sexo, dinheiro e poder — seus vícios em fila. Mais tarde, recebeu ordens pelo telefone público, não gostou. Teve que ir até a Baixada num ferro-velho, cobrar um desmanche. Acelerou, preocupado com o horário.

Deram uma surra no sujeito. Um senhor caolho e sujo. Queria passar a perna na família e foi cobrado pela ousadia. Conrado e seus comparsas amarraram ele dentro de um carro velho e colocaram na prensa para virar uma paella de ossos e graxa.

Conrado preferia não sujar suas roupas caras com sangue. Gostava da alta classe e tinha bons modos, mas sabia jogar o jogo. Foi conquistando prestígio devagar, tijolo a tijolo. Como sua prima lhe disse uma vez:

“Você é um blend gostoso que funciona.”

Chegou um pouco atrasado no Cassino da Urca. Iluminado como uma galáxia. Segunda casa de Conrado. Logo pegou um dry martini, distribuiu meia-dúzia de sorrisos falsos e foi direto para a mesa de pôquer.

Luzes neon. Os caça-níqueis em frenesi. A bruma dos cigarros e charutos misturava-se à maresia. Damas e cavalheiros com os cofres atolados de grana e de segredos. Ninguém ali valia um batom.

Five card draw.

Quatro figuras na mesa. Conrado era o quinto. A maioria burocratas, exceto por um — político, vereador. O homem da luva branca embaralhou com destreza as cartas de bordas douradas. *It's showtime!*

As guimbas eram os ponteiros do relógio-cinzeiro de cristal. Na mesa oval, coberta por um feltro de lã fina, havia malotes de cruzeiros, notas de dólares e até algumas promissórias. O pote crescia.

Conrado não estremeceu. Junto com o vereador, eram os maiores cacifes. A esposa do político desfilava pela mesa. Bem mais nova do que o suíno com quem era casada, provocava com um decote que quase revelava demais. Culpa dos seios no ápice e não do tecido do vestido.

Ele chamou o garçom com um aceno charmoso. Cochicharam. Puxou um cigarro. Ela veio com o isqueiro. O marido riu por baixo do bigode. A tática era a distração — a mulher de isca.

Restaram os dois e o flerte na mesa. O político queria o relógio de Conrado,

colocou as chaves do conversível. Era contra as normas do Cassino esse tipo de aposta. Então foram para outra sala, subterrânea, reservada para aqueles que gostam de quebrar as regras.

Desceram as escadas pelos fundos da cozinha. Cheiro de frituras e muito falatório. Passaram pelo leão de chácara. Conrado o conhecia. Nesse novo cenário, já tinha uma mesa pronta. Um crupiê cego. Uísque doze anos e pó — dos bons.

Na sala obscura, apenas uma luminária pendente com luz opaca. Uma lona esticada no piso, resto de obra. Estavam só os quatro. Rolex e conversível no pote. Promissórias, terrenos e mais dólares. O político perdia. Quanto mais nervoso, mais metia o nariz onde não devia.

A postura de Conrado mudou. O perfil relaxado deu lugar a olhos frios. Evitava a moça. Agora tinha muita coisa em jogo. O clima esquentou e ele tirou o casaco e pendurou no encosto da cadeira, revelando a FN Browning Hi-Power 9mm no coldre de ombro.

Arregaçou as mangas da camisa de linho. Ficou de pé. Aguardava a mão do adversário que já não tinha mais o que apostar. Dava para sentir o desespero dele. O bigode mal aparado borbulhando. O suor na peruca postiça.

Soltou uma gargalhada imunda após a derrota. Cheirou uma carreira inteira numa nota de dólar. O nariz sujo. Tinha um tique nos olhos que não paravam de piscar. Conrado deixou escapar um sorriso irônico.

“Vai apostar sua alma, vereador?”

“Porra, seu mauricinho, peraí.” — esvaziou os bolsos, talão, nada.

“É melhor parar por hoje, senão vou levar a única coisa de valor que te sobrou.” — encarou a esposa.

“Me dá esse telefone.”

“À vontade.” — Conrado se afastou do telefone preto de disco preso na parede de reboco.

O político ligou para alguém, muito nervoso. Suas veias saltavam da testa úmida. Cuspia palavras. Talvez o gerente ou um agiota. Desligou — sem graça.

“Você quer a vadia?” — agarrou o braço da mulher. “Toma.”

Conrado não olhou para ela. Em vez disso, arremessou a calcinha perfumada no vereador.

Renda francesa.

O bigode do porco parou de borbulhar. Seu rosto se esvaziou.

“Filho da puta. O que você quer... afinal?”

“Mostrar pra ela que você é um covarde de merda.” — sacou a pistola.

A mulher não chorava mais. Seus olhos secaram num instante. Ela caminhou, ímpia, até Conrado.

Cruzou um olhar fatal com ele.

Beijou-o com lascívia.

“Mata o diabo.” — disparou a esposa.

Tiro na testa.

o
desejo
começa
na
mente

Casos Sombrios da Guanabara é uma série de ficção noir-tropical sobre crime, desejo e horror urbano no Rio antigo. Histórias curtas como disparos. Uma cidade bonita demais para ser inocente.

Léo Bigode

Escritor e designer

noir tropical / ficções curtas / zines /

poesia / capista

@vulgoleobigode